http://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v38a2024-72673

O que pode a filosofia na formação de educadores?

Alexsandro da Silva Marques[*]

Resumo: A filosofia ocupa um espaço praticamente inalterado nas várias licenciaturas, geralmente, compreendida como fundamentos da educação ou pressupostos necessários à reflexão filosófica da educação. Nesse movimento, o papel da filosofia é visto como instrumentalização para a cientificidade da prática pedagógica escolar. Mas será que a contribuição da filosofia na formação do educador deve constituir-se apenas e tão somente na fundamentação dos problemas filosófico-pedagógicos? Este texto é resultado das inspirações teóricas, metodológicas e da experiência do dispositivo de formação Ateliê Filosófico que, entre outros objetivos, desenvolve oficinas filosóficas que levam à criação de um *design* cognitivo voltado para a formação inicial de professores. Além disso, ao criar um ambiente de aprendizagem filosófica, utilizando práticas meditativas fundamentadas no educar transdisciplinar polilógico, o dispositivo fomenta reflexões sobre o ser-sendo educador e sua práxis no contexto contemporâneo.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia; Formação Inicial de Professores; Educar Transdisciplinar; Ateliê Filosófico; Design Cognitivo.

What can philosophy contribute to teacher education?

Abstract: Philosophy occupies a largely unchanged space in various teacher training programs, typically understood as the foundations of education or prerequisites for philosophical reflection on education. In this framework, the role of philosophy is seen as a tool for the scientific approach to pedagogical practice. However, should the contribution of philosophy to teacher education be limited to

[*] Doutor em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor em Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: amarques89@hotmail.com. Lattes: http://lattes.cnpq.br/2739874089245336. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1230-2578.

underpinning philosophical-pedagogical issues? This text results from the theoretical, methodological, and experiential inspirations of the Ateliê Filosófico training device, which, among other goals, develops philosophical workshops culminating in the creation of a cognitive design for engaging with philosophy in initial teacher training. Ultimately, by creating a philosophical learning environment through meditative practices grounded in a transdisciplinary polilogical approach, the device fosters reflections on the being-becoming of educators in the context of contemporary society.

Keywords: Philosophy Teaching; Initial Teacher Training; Transdisciplinary Education; Philosophical Workshop; Cognitive Design.

¿Qué puede aportar la filosofía en la formación de educadores?

Resumen: La filosofía ocupa un espacio en gran medida inalterado en varios programas de formación docente, entendida típicamente como los fundamentos de la educación o los requisitos previos para la reflexión filosófica sobre la educación. En este marco, el papel de la filosofía se ve como una herramienta para el enfoque científico de la práctica pedagógica. Sin embargo, ¿debería la contribución de la filosofía a la formación de maestros limitarse a fundamentar cuestiones filosófico-pedagógicas? Este texto resulta de las inspiraciones teóricas, metodológicas y experienciales del dispositivo de formación Ateliê Filosófico, que, entre otros objetivos, desarrolla talleres filosóficos que culminan en la creación de un diseño cognitivo para abordar la filosofía en la formación inicial de docentes. En última instancia, al crear un entorno de aprendizaje filosófico a través de prácticas meditativas fundamentadas en un enfoque transdisciplinario polilógico, el dispositivo fomenta reflexiones sobre el ser-estar de los educadores en el contexto de la sociedad contemporánea.

Palabras clave: Enseñanza de Filosofía; Formación Inicial de Docentes; Educación Transdisciplinaria; Taller Filosófico; Diseño Cognitivo.

Introdução

Morin (2002) descreve a era atual como uma conjuntura histórica marcada pelo domínio dos algoritmos no processamento de informações. Nesse contexto, o capitalismo de vigilância transforma experiências, informações e dados, tornando os corpos humanos secundários e obsoletos. Fenômenos como a inteligência artificial, o transhumanismo, o antropoceno, a necropolítica, a disseminação de notícias falsas, o racismo estrutural, as crises ecológicas e psicoecológicas afetam não somente a atmosfera e o meio ambiente do planeta, mas também a esfera do conhecimento humano, conhecida como noosfera. Esses desafios se estendem à crise democrática, ao mal-estar psíquico e moral, bem como às normoses que permeiam o cotidiano. Diante desses desafios globais e tecnológicos, este estudo busca demonstrar algumas possibilidades que a filosofia pode fornecer como ferramentas críticas necessárias na formação de professores, permitindo-lhes enfrentar as complexidades contemporâneas.

O presente estudo, em oposição a abordagens instrumentalistas e concepções conservadoras nas políticas de currículo e de formação docente, propõe outras possibilidades para fazer-pensar a prática filosófica na formação de educadores como a proposição do dispositivo de formação Ateliê Filosófico. É no campo da formação de professores que se busca tensionar novas perspectivas sobre a importância do pensamento filosófico na formação docente e abrir caminhos para abordagens mais inclusivas e críticas no ensino da Filosofia, no contrafluxo dos processos de formação profissional, em que a ênfase está no sentido técnico da problemática formativa. Para isso, é necessário buscar linhas de fugas para fazer-pensar, florescer e resistir a um modelo institucional de pensamento filosófico em apoio ao nosso pensar original, intencional e consciente, imbricado em experiências filosóficas. Não é a intenção, aqui, situar historicamente o lugar da filosofia ou da Filosofia da Educação no âmbito dos cursos de licenciatura, nem propor um panorama histórico-crítico. A proposta é contribuir com avanços teóricos-filosóficos para estimular a reflexão sobre a formação de professores, fornecendo meios para o filosofar no processo

educativo de um sujeito-aprendiz dinâmico, autônomo, criativo e em constante aprendizado de si. O educador é convidado a pensar sobre a nossa condição humana e sobre a relação com o conhecimento do conhecimento e o conhecimento do desconhecimento nos vários níveis da educação formal e na vida em geral das pessoas.

A reflexão está ancorada na obra de Galeffi (2019, 2009), Gallo (2017), Saviani (1996), Matta (2012), Torre (2018), Moraes (2019) entre outros. A metodologia utilizada é a teórico-bibliográfica, de natureza qualitativa e abordagem analítico-hermenêutica. O texto está organizado em três seções: a primeira seção apresenta uma compreensão da filosofia como fundamento, reflexão radical e rigorosa na formação e na prática pedagógica do educador, tomando como interlocutores as ideias de Dermeval Saviani e Silvio Gallo, seguida da perspectiva de um educar transdisciplinar polilógico compreendido como atitude aprendente radical, a partir das ideias de Dante Galeffi. O conceito de transdisciplinaridade, desenvolvido a partir dos debates iniciados por Piaget e ampliado por autores como Morin e Nicolescu, busca romper as fronteiras tradicionais entre disciplinas, promovendo uma integração holística do conhecimento. Neste estudo, a transdisciplinaridade é compreendida em sua vertente polilógica. O termo "polilógico", conforme empregado neste estudo, desafia a centralidade de uma única lógica dominante, refere-se a uma abordagem que vai além do monológico e do dialógico, promovendo um espaço em que múltiplas vozes, perspectivas e racionalidades podem coexistir e interagir sem absurdos lógicos. Na segunda seção, discute-se a proposição de uma formação transdisciplinar relativa aos desafios epistemológicos contemporâneos. Na terceira seção, o estudo introduz a noção de "*design* cognitivo", entendido como o planejamento estratégico de experiências de aprendizagem que moldam e influenciam os processos cognitivos dos educandos. No contexto do dispositivo Ateliê Filosófico, esse *design* é utilizado para criar ambientes de aprendizagem que não apenas transmitem conhecimentos filosóficos, mas também fomentam a reflexão crítica e a autonomia intelectual, aspectos fundamentais para a formação de um educador capaz de atuar em um mundo em constante transformação. Por fim, nas considerações finais, conclui-se

que o papel da filosofia na formação de professores ultrapassa a noção de uma disciplina monológica ou uma filosofia profissional-acadêmica, focada em conteúdos tradicionais, revelando-se uma atitude aprendente radical, como uma prática, um exercício e um modo de existência.

Da filosofia como fundamentação e reflexão à filosofia do educar transdisciplinar polilógico

No contexto da filosofia educacional brasileira, Dermeval Saviani na obra *Educação: do Senso Comum à Consciência Filosófica* destaca a importância de uma abordagem filosófica para compreender e abordar os desafios encontrados na prática pedagógica, fornecendo um conjunto de ferramentas analíticas para enfrentar a complexidade dos problemas educativos, abordando desde divergências ideológicas até a definição de políticas educacionais. Saviani (1996) propõe uma filosofia da educação que vai além da simples formulação de princípios ou metas educacionais pré-definidos. Em vez disso, emergeria como uma reflexão derivada da experiência prática, em que os educadores se confrontariam com desafios específicos de sua práxis. Essa abordagem posiciona a Filosofia da Educação como um instrumental reflexivo indispensável para abordar e resolver os desafios encontrados na prática pedagógica. A ausência dessa reflexão filosófica reduziria o professor a um replicador de métodos didáticos, impedindo-o de alcançar seu papel como educador. Conforme explicita Saviani (1996, p. 29):

> O que leva o educador a filosofar são os problemas (entendido esse termo com o significado que lhe foi consignado) que ele encontra ao realizar a tarefa educativa. E como a educação visa o homem, é conveniente começar por uma reflexão sobre a realidade humana, procurando descobrir quais são os aspectos que ela comporta, quais as suas exigências referindo-as sempre à situação existencial concreta do homem brasileiro, pois é aí (ou pelo menos a partir daí)

> que se desenvolvera nosso trabalho. Assim, a tarefa da filosofia da educação será oferecer aos educadores um método de reflexão que lhes permita encarar os problemas educacionais, penetrando na sua complexidade e encaminhando para solução de questões tais como: conflito entre 'filosofia de vida' e 'ideologia' na atividade do educador; a necessidade da opção ideológica e suas implicações; o caráter parcial, fragmentário e superável das ideologias e o conflito entre diferentes ideologias; a possibilidade, legitimidade, valor e limites da educação; a relação entre os meios e os fins da educação; a relação entre teoria e prática.

Saviani (1996), ao pensar a Filosofia da Educação a partir da prática pedagógica, diferencia-se de uma compreensão da filosofia como fundamento teórico *a priori* em relação à materialidade da vida cotidiana. Enfatizar a reflexão em favor de uma fundamentação de área desconsidera a natureza da filosofia e seu alcance na educação: reflexão sobre a realidade pedagógica. Tal reflexão está ancorada no conceito de consciência filosófica que, segundo Saviani (1996), alcança o patamar mais refinado da reflexão, caracterizando-se pela investigação aprofundada e metódica dos fenômenos[1]. Essa forma superior de consciência envolve um exame rigoroso e sistemático dos desafios da realidade. De acordo com Saviani (1996), a transição para a consciência filosófica implica a mudança de uma percepção fragmentada, simplista e superficial para uma compreensão geral (unitária), caracterizada por sua coesão, clareza e originalidade. Nesse sentido, a questão da fundamentação não deve ser relegada a um segundo plano, tampouco a reflexão filosófica sobre o fenômeno educacional deve ser

[1] A emergência do termo "consciência filosófica" no cenário acadêmico ocorreu com a publicação de *Educação: do Senso Comum à Consciência Filosófica* de Dermeval Saviani, obra que propõe um processo de maturação da consciência individual através de práticas educativas fundamentadas em sua teoria pedagógica. Apesar de ter sido introduzido na década de 1980, o tema da consciência filosófica não recebeu atenção em pesquisas posteriores. Contudo, conforme Martins e Rezende (2020), em uma entrevista realizada na Faculdade de Educação da Unicamp em 2020, Saviani enfatiza a conexão entre a consciência comum e a filosófica, reforçando a ideia de que elas são complementares.

apartada de uma base solida de fundamentação filosófica. Conforme afirma Silvio Gallo (2017, p. 165):

> A filosofia apresenta, sim, um sólido terreno sobre o qual se constrói toda e qualquer ação pedagógica, referenciada numa concepção de ser humano, numa concepção de conhecimento e numa concepção política. Negar a consciência dessa realidade é negar a possibilidade de qualquer reflexão filosófica sobre o fenômeno educacional. Assim, um primeiro momento deve ser o da fundamentação filosófica assim compreendida. Num segundo momento, uma reflexão crítica sobre os problemas educacionais deve ser construída sobre essa sólida fundamentação. Tal é a perspectiva que a ação filosófica deveria demarcar nos cursos de formação de educadores; sem essa fundamentação e reflexão filosófica, a educação fica manca.

A Filosofia da Educação, portanto, transcende à condição de pilar teórico na formação educacional. Ela emerge como ferramenta crítica fundamental para o desenvolvimento profissional dos educadores. Ao relegar a reflexão filosófica a segundo plano, em favor de uma fundamentação teórica, tal atitude subestima o potencial da filosofia para transformar a prática pedagógica e vice-versa. A Filosofia Da Educação transcende a condição de pilar teórico na formação educacional e assume função crítica na constituição do profissional docente. Ao relegar a reflexão filosófica a um plano secundário, perde-se a potência transformadora que ela exerce sobre a prática pedagógica e sobre a compreensão dos desafios contemporâneos. A filosofia deve ocupar um espaço próprio no currículo de formação do educador, promovendo uma investigação contínua sobre a realidade educacional e suas complexidades. Uma base filosófica consistente orienta a prática pedagógica ao articular concepções de ser humano, modos de produção do conhecimento e fundamentos político-educacionais que sustentam a ação docente. A ausência dessa base reduz a capacidade de análise crítica diante das tensões curriculares e institucionais. Por essa razão, a formação de educadores precisa atentar-se aos fundamentos filosóficos que sustentam processos reflexivos capazes de responder às demandas atuais de

maneira rigorosa e responsável.. A negação dessa base compromete a capacidade de reflexão crítica sobre os desafios educacionais. Portanto, a formação de educadores deve priorizar a fundamentação filosófica seguida de uma reflexão crítica, assegurando uma educação que seja reflexiva, crítica e capaz de responder às demandas contemporâneas.

O debate central gira em torno da função da filosofia na educação de professores. Fazendo coro aos educadores de renome como Saviani e Gallo, concorda-se que a função da filosofia na formação do educador assume as duas vias: a da fundamentação e a da reflexão radical e de conjunto, pois refletir exige fundamento. Nesse bojo, Gallo (2017) propõe pensar a filosofia pela perspectiva do paradigma estético em detrimento do paradigma científico, pois, em sua análise, o estético possibilita a pensar uma prática transversal do saber, desse modo, a educação é pensada como arte e, "portanto, tomá-la em seu aspecto estético ao lado do ético, do político, do filosófico, do científico, como uma abrangência maior" (Gallo, 2017, p. 172).

Gallo busca romper com as noções disciplinares, evitando usar o termo interdisciplinaridade para não recair num âmbito da disciplinarização, em que há campos específicos e independentes para analisar e interpretar cada aspecto da realidade. O filósofo, na esteira do pensamento dos filósofos franceses Guattari e Deleuze, volta-se para a Filosofia da Educação como saber radical, rigoroso e totalizante que, ao abarcar o objeto em sua completude, evita o fragmentar. Conforme Gallo (2017, p. 174), essa postura exige uma ação transversal ético-política-estética, o que exige uma nova concepção de educação:

> A formação de educadores hoje não pode furtar-se a tais preocupações. Necessitamos de uma ampla revisão de nossos cursos de licenciatura, implodindo coma lógica estanque e compartimentalizadora da formação do professor que pouco ou nada dialoga com a formação na área específica. Mais ainda, é necessário ser repensada com urgência a figura anacrônica do "especialista em educação". [...] a filosofia parece-me apta a potencializar o educador para o principal desafio que se lhe coloca hoje, o que é o de produzir novas potencialidades [...].

Gallo (2017) problematiza a questão da formação de professores e o papel preponderante que a filosofia pode exercer, não apenas de ordem técnica (conteúdos), mas impulsionadora de subjetividades engajadas e implicadas com seu processo formativo. Nesse sentido, buscamos somar a essa perspectiva, articulando a abordagem transdisciplinar como campo epistemológico de investigação dos acontecimentos implicados. Ademais, Edgar Morin (2012, 2014), em seu trabalho sobre a complexidade, e Basarab Nicolescu (2019), com sua proposta de uma metodologia transdisciplinar, oferecem bases teóricas fundamentais para a compreensão da transdisciplinaridade. No entanto, este estudo avança para propor um educar transdisciplinar polilógico, que reconhece e valoriza a interação de múltiplas perspectivas e modos de conhecimento. Nossa tese consiste na seguinte compreensão: a função da filosofia na formação do educador, a partir do desenvolvimento da consciência filosófica (fundamentação e reflexão), passa por uma ação transversal ético-política-estética, tendo sua potencialização no educar transdisciplinar polilógico.

O educador Dante Galeffi (2008, 2017, 2019) entende a filosofia como uma atividade de investigação do pensar próprio e apropriado. É a disposição para aprender como seres transdisciplinares atentos e atentas aos acontecimentos dos diversos níveis da realidade em suas diferenças, em contraposição à ideia de uma disciplina baseada em conteúdos fixos e em um sistema gramatical dado *a priori*, todavia, sem negar o passado, os sistemas filosóficos e o léxico filosófico. A distinção da filosofia não emerge do controle técnico sobre a linguagem lógico-dedutiva específica de um filósofo ou sistema, mas de uma profunda predisposição ao aprendizado. Daí sua ênfase na expressão verbal da filosofia como "filosofar", pois o excesso de substantivação transformou a atitude filosófica em uma prática monológica, centrada num modelo eurocêntrico e universal, em detrimento da pluriversalidade da implicação e experiênciação polilógica de sentidos próprio e apropriado. Se essa disposição ao aprendizado define a filosofia, então ela não pode existir isoladamente das outras práticas humanas comuns. Assim, a filosofia emerge da experiência de pensar de maneira implicada, perdendo seu propósito sem a interação entre aprendiz e mestre.

Portanto, deve-se valorizar o processo de aprendizagem, evitando alegações de falsas especificidades conceituais.

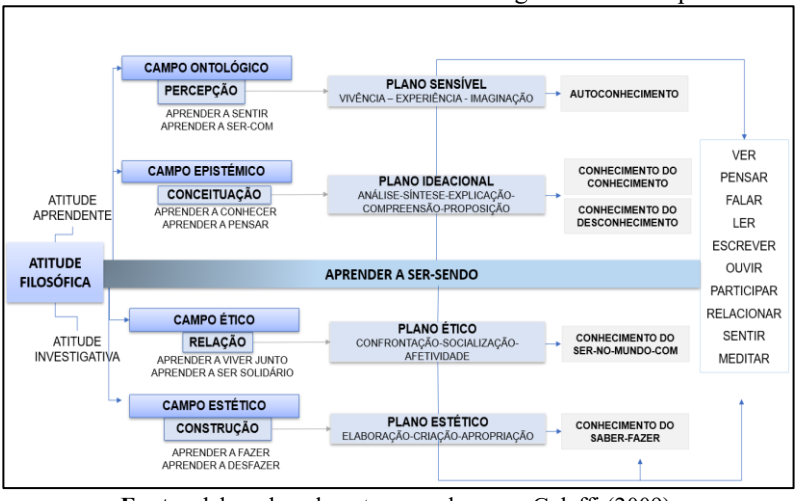
Na prática filosófica, a relação entre o sujeito e o objeto de sua reflexão é fundamentalmente dinâmica e complexa. Essa interação não se limita à simples compreensão superficial; ao contrário, permite uma compreensão ampliada dos problemas, um discernimento minucioso de significados e de reducionismos intelectuais. É nesse contexto que se evidencia a importância não apenas da compreensão dos temas filosóficos, mas também do modo como o sujeito se relaciona com tais questões e como esse processo influencia sua própria construção ontológica. Conforme Marques (2023, p. 27), a filosofia não só nos permite adquirir conhecimentos, mas também "desenvolver habilidades como reflexão crítica, pensamento autônomo, aprendizado de si, fundamentais para o desenvolvimento humano, a construção e a conectividade de estilos de vida dignos e amplos".

Segundo Galeffi (2008), a filosofia, por sua natureza polifônica e polilógica, traz à tona um caráter transdisciplinar no diálogo filosófico, o que significa que ela ultrapassa as fronteiras das disciplinas tradicionais para integrar diferentes saberes em uma compreensão mais holística dos fenômenos da vida concreta. A transdisciplinaridade, nesse contexto, não se limita à justaposição de diferentes disciplinas (como ocorre na multidisciplinaridade) ou à colaboração entre elas (característica da interdisciplinaridade), mas propõe a criação de novos horizontes de conhecimento que emergem da interação e integração profunda entre várias áreas do saber.

A transdisciplinaridade se sustenta por meio de uma atitude filosófica que busca, por exemplo, implicar-se no processo fenomenológico, que é autopoiético por natureza, ou seja, gera novos modos de compreensão e ação a partir da interação dinâmica dos elementos envolvidos. Essa prática filosófica transdisciplinar se diferencia por seu compromisso com a superação das dicotomias simplistas, como a que separa o "saber-fazer" do "saber-pensar", ao integrar esses modos de conhecimento em um processo contínuo e produtivo de autocriação e transformação.

Para que a transdisciplinaridade emerja e se sustente na prática educacional, é necessário criar espaços de diálogo e de reflexão que incentivem a interação entre diferentes áreas do conhecimento, respeitando suas especificidades, mas também explorando suas interconexões e sobreposições. É nesse sentido, conforme Galeffi (2008, p. 111), que a filosofia se torna uma prática vital: ao não se restringir a uma única lógica ou disciplina, ela promove uma visão do mundo que é simultaneamente crítica, criativa e integradora, possibilitando educadores e alunos enfrentar as complexidades da era contemporânea com uma mentalidade aberta e interdisciplinar. Segue o esquema conceitual da filosofia como educação polilógica transdisciplinar, baseado no pensamento de Galeffi (2017):

FIGURA 1 — Horizonte do Educar Polilógico Transdisciplinar



Fonte: elaborado pelo autor, com base em Galeffi (2009).

A atitude filosófica pode ser entendida como uma atitude aprendente radical, pois abrange uma variedade de campos, como o epistêmico, ético, estético e ontológico. Ela mobiliza planos acionais que ampliam horizontes práticos e conceituais, incluindo o plano sensível (que envolve vivência, experiência e imaginação), o plano ideacional (que engloba análise, síntese, explicação, compreensão e proposição), o plano

ético (que abrange confrontação, socialização e afetividade) e o plano estético (que envolve elaboração, criação e apropriação). A atitude investigativa consiste em examinar os próprios pensamentos, que fazem parte de um mundo comum e existente. Segundo Galeffi (2019), inspirado na noção kantiana, não se trata de ensinar filosofia, mas, sim, de aprender a filosofar. O educar transdisciplinar polilógico, como uma possibilidade em construção, visa desenvolver a autonomia e a criatividade do educando, sua singularidade e propriedade, sensibilidade e intuição, criticidade e afetividade corresponsável, sendo livre e atento ao acontecimento.

Como fazer para aprender a ser-sendo? Na formação do professor, é essencial uma abordagem filosófica que contemple a totalidade da existência humana, tanto histórica quanto meta-histórica. Apenas a interpretação textual não é suficiente para promover o desenvolvimento do pensamento próprio e apropriado de cada educador-professor. É um conhecimento que vai além do ambiente acadêmico, abrangendo o processo de construção ontológica do ser humano em suas diversas facetas e possibilidades, incluindo o ético, o político, o epistemológico, o estético-artístico, o ecológico, o econômico, o cosmológico, o místico e o indizível, como meio adequado para o desenvolvimento da autoconsciência compartilhada. Conforme Galeffi (2019, p. 137),

> isso demanda novos métodos e abordagens para ensinar a pensar, caracterizando o filosofar como um estilo de vida que aspira a um conhecimento próprio e apropriado, um saber viver, conviver, morrer e renascer.

É necessário, portanto, aprender a observar e a investigar os próprios pensamentos de diversas maneiras, por meio de múltiplos caminhos e diálogos. Assim, segundo Galeffi, toda aprendizagem deve considerar as condições existenciais de quem está aprendendo. O aprendizado do pensamento é, também, uma questão de experiência subjetiva, única e intransferível, em certo sentido, incomunicável para aqueles que não compartilham da experiência de apropriação do próprio pensamento.

A formação transdisciplinar do educador

O processo de formação humana se revela como um caminho complexo, que evidencia a intricada natureza da existência, mesmo antes de estabelecer qualquer vínculo institucional, público ou privado. Mesmo quando orientado por objetivos específicos, sua essência é multifacetada, apresentando uma diversidade de possibilidades, dinâmicas e movimentos diversos, influenciados por valores e perspectivas variadas. O processo de formação humana, dentro da abordagem transdisciplinar polilógica, adota uma epistemologia e metodologia específicas que transcendem as práticas tradicionais e se fundamentam em conceitos e princípios próprios, a saber a epistemologia polilógica e a epistemologia transdisciplinar.

A epistemologia polilógica é baseada na ideia de que o conhecimento deve ser compreendido a partir da integração de múltiplas lógicas e perspectivas. Isso significa que a formação não se limita a uma única disciplina ou abordagem, mas incorpora diferentes formas de saber e entender a realidade. A ênfase está na construção de uma visão mais abrangente e complexa do conhecimento, promovendo a reflexão crítica e a interconexão entre diversos saberes.

A epistemologia transdisciplinar enfatiza a integração e a colaboração entre diferentes disciplinas, buscando criar horizontes de conhecimento que não seriam possíveis dentro das fronteiras disciplinares tradicionais. Essa abordagem visa superar a dicotomia entre saberes práticos e teóricos, promovendo uma compreensão mais holística e dinâmica dos fenômenos estudados.

Na prática, a combinação dessas epistemologias permite a mobilização de metodologias para uma formação que não só aborda o conhecimento de maneira abrangente, mas também valoriza a experiência e a dimensão pessoal dos sujeitos. A formação busca promover o desenvolvimento integral do indivíduo, levando em consideração suas múltiplas dimensões e interações com o conhecimento, desse modo, apresentamos três possíveis metodologias ambas interligadas: metodologia vivencial e somática, metodologia existencial, metodologia de integração de saberes.

A *metodologia vivencial e somática* integra práticas corporais e experiências diretas como fonte de conhecimento. Aborda a percepção das sensações físicas e a interação entre corpo e mente, permitindo ao indivíduo observar e refletir sobre suas respostas corporais em relação ao aprendizado Ela valoriza a experiência subjetiva e a percepção sensorial como elementos centrais no processo de aprendizagem e desenvolvimento, integrando aspectos emocionais e corporais no processo formativo.

A *metodologia existencial* valoriza a experiência pessoal e subjetiva como ponto central de reflexão e aprendizagem. A partir da experiência individual, busca-se compreender os aspectos fundamentais da existência humana, como o sentido da vida, a liberdade, a responsabilidade e a busca por autenticidade. Considera o contexto cultural, social e histórico do indivíduo, reconhecendo que a experiência e a compreensão da existência são influenciadas por fatores externos e internos. A metodologia busca situar a reflexão existencial dentro do contexto específico de cada pessoa.

A *metodologia de integração de saberes* conecta e articula diferentes formas de conhecimento e práticas, promovendo uma compreensão abrangente e multifacetada dos fenômenos estudados. Baseada em interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, essa abordagem valoriza o diálogo e a colaboração entre diversas áreas do saber, facilitando a criação de soluções inovadoras e contextualizadas. Ao integrar conhecimentos de diferentes disciplinas e contextos, a metodologia ajuda a tornar o aprendizado mais adaptado às necessidades reais dos indivíduos e da sociedade. Utilizando métodos participativos e abordagens adaptáveis, como projetos interdisciplinares e estudos de caso, promove uma formação que considera aspectos cognitivos, emocionais, éticos e sociais, oferecendo uma visão mais completa dos desafios enfrentados.

Todo processo de formação demanda elaboração de um currículo que envolva, desde sua estruturação, as diversas metodologias e modelos que orientam a formação de professores. Segundo Arroyo (2015), a formação requer um conhecimento prévio sobre o ser humano a ser educado, levantando questionamentos sobre a educabilidade em uma era marcada pela descrença na pedagogia, na escola e na docência. É necessário defender

educação e formação docente que se oponham às lógicas de desempenho e lucro presentes no sistema neoliberal, que visa controlar o modo de vida globalizado e trata o ser humano como um capital a ser explorado.

Segundo Laval (2019), a escola e a universidade estão sob pressão do neoliberalismo para passarem por um processo de "modernização", caracterizado por "reformismo" e "eficiência". Isso implica inserir essas instituições no contexto da concorrência generalizada, transformando-as em bens essencialmente privados e instrumentos do bem-estar social. Segundo o autor, a sociedade não garante o direito à cultura, mas espera que os indivíduos capitalizem recursos privados para a obter. Além disso, as instituições de formação acabam fornecendo mão de obra às empresas, resultando em uma crise de legitimidade, devido às críticas sociológicas, políticas e liberais.

No debate sobre formação, é preciso resistir às medidas regulatórias focadas apenas na concorrência e no desempenho. Considerando que toda educação (re)produz um conceito de ser humano e suas relações com o mundo, a formação de professores torna-se um problema também filosófico. Em uma sociedade que mercantiliza a existência, redefinindo o humano como essencialmente econômico e privado, é fundamental questionar que tipo de ser humano está sendo educado.

Ao abordar a educação e a formação de professores de uma perspectiva filosófica e epistemológica, estamos considerando o processo de construção do conhecimento, da aprendizagem e do ensino. Nesse sentido, a formação de professores é examinada sob a ótica do aprendente, do *sioumu*, levando em conta a experiência e os processos de aprendizagem integrada. Galeffi (2017) introduz o conceito de *sioumu* como uma alternativa ao *dasein* heideggeriano, desenvolvendo um neologismo que busca capturar uma visão mais abrangente e polilógica da existência. Enquanto o *dasein* se concentra na presença e na abertura para a verdade do ser, o *sioumu* é concebido numa perspectiva transdisciplinar. Esse conceito dirige atenção às múltiplas dimensões da vida: ao si mesmo, ao outro e ao mundo, propondo uma visão integrada e dinâmica da experiência humana.

O *sioumu* manifesta-se como uma forma de antropoética, caracterizando-se por um estado de "sentipensar" que envolve um

aprendizado contínuo e compartilhado. Nessa torção conceitual (si-outro-mundo), o desenvolvimento pessoal e coletivo é assumido como compromisso com a pluralidade da vida, com a responsabilidade social e com a inclusão do conhecimento. Em vez de analisar a realidade por meio de elementos isolados e dualistas, o *sioumu* propõe uma compreensão que abarca a indissociabilidade, a dialogicidade e a interatividade.

A natureza do *sioumu* é a de um *ser complexo* que se integra na dinâmica ecossistêmica entre indivíduo, sociedade e natureza. Esse conceito não segue uma cronologia fixa, mas está sempre em processo de atualização e transformação, refletindo a corporeidade ativa de sua potência de ser. O conhecimento, então, é compreendido na relação do *sioumu* com quatro dimensões da experiência humana: arte, ciência, filosofia e mística, essa última entendida como a experiência do sagrado no contexto do acontecimento. Essas dimensões coabitam e interagem em singularidades que não podem ser reduzidas ou dissociadas.

Autores como Torre (2018), Moraes (2015), Danis Bois e Diedier Autry (2008), Nicolescu (2019), Josso (2009, 2004) e Bolsanello (2005) contribuem para a compreensão das dinâmicas envolvidas no processo de formação, considerando aspectos psicossomáticos, socioculturais e transdisciplinares. A partir desses autores, compreende-se a formação como um fenômeno experiencial, permeado por questões pedagógicas, jurídicas, econômicas, políticas, culturais, éticas, estéticas e eróticas. Segundo Macedo (2014), a formação é influenciada por uma variedade de fatores, e é por meio da experiência dos sujeitos que a formação pode ser compreendida e desenvolvida. Ele destaca a importância de considerar o "formativo" como uma expressão do processo formacional, indicando que esse aspecto está intrinsecamente relacionado à experiência irredutível e intransponível de conhecimento, em que os processos de aprendizagem são referenciados pelos próprios sujeitos envolvidos na experiência e seus grupos.

O "formativo" é sempre avaliado por alguém e está referenciado nas perspectivas socioculturais, o que permite entender a formação a partir da perspectiva do sujeito aprendente, enquanto as condições que possibilitam a emergência da formação são passíveis de explicações e objetificações. A

formação de um indivíduo, quando este se torna o protagonista de seu próprio processo de desenvolvimento, necessita da desconstrução, da autorização e da apropriação de maneiras de existir, planejar e agir no mundo. Isso requer uma aceitação amorosa do processo de autoconhecimento, pois a relação entre o ser e a realidade é intrincada e baseada em processos auto-organizados. Segundo Macedo (2010), o processo de formação implica na descoberta das potencialidades individuais para dar significado à vida como sujeito aprendente.

Conforme Saturnino Torre (2018), a dinâmica relacional que se manifesta tanto interna quanto externamente em cada indivíduo reflete a ecologia das influências das circunstâncias e das emoções, que fluem conforme a adaptação dos sujeitos aos seus contextos. Esse processo desencadeia mudanças em diversos níveis fisiológicos, incluindo alterações químicas, energéticas, neurais e estruturais, que afetam a organização da vida. Muitas vezes, há consciência desses campos vibracionais, que impulsionam a ação e a interação de cada indivíduo, influenciando seu pensamento, raciocínio, sentimentos e expressão.

Torre (2018) entende que o pensamento ecossistêmico é fundamental para compreender o processo de formação do sujeito. Essa abordagem reconhece o aprendente em formação como um sistema vivo, autogerador e autorregulador, inserido em um contexto social e histórico no qual o indivíduo e o ambiente são indissociáveis, assim como na Teoriação Polilógica. O conceito de *sentipensar* desenvolvido por Torre (2018) busca reintegrar a vida ao ambiente educacional e formativo, criando condições para aprendizagens saudáveis que promovam o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, cooperação e afetividade. Assim, a formação vai além do desenvolvimento de competências, habilidades e inteligência, englobando, também, a escuta dos sentimentos e a abertura do coração, contribuindo para a harmonização do o racional e o intuitivo, o contemplativo e o empírico (Torre, 2018).

A concepção de formação de professores como uma experiência sensível e de aprendizagem pressupõe a adoção do *sentipensar*, possibilitando o contato do indivíduo consigo mesmo e com os demais. Moraes e Torre

(2018) ressaltam a importância de integrar o racional ao intuitivo, o contemplativo ao empírico, como elementos essenciais para uma aprendizagem emocional e mentalmente equilibrada. Nesse sentido, a capacidade de "escutar os sentimentos" e "abrir o coração" revela-se como aspecto fundamental no processo de desenvolvimento humano. No âmbito do *sentipensar*, conforme embasado pelo pensamento ecossistêmico, destaca-se a valorização das dimensões ecológicas, relacionais e sistêmicas, bem como da dimensão emocional. Tal abordagem visa potencializar a sensibilidade, a criatividade, a amorosidade e a cooperação nos ambientes de convivência.

Além disso, a noção de *corpo Sensível*[2] emerge como um elemento central no contato do sujeito consigo mesmo e com o outro durante o processo formativo. Bois (2008) compreende o Sensível como um substantivo que expressa a relação entre os conteúdos vivenciados e o movimento interno do sujeito, indo além da mera percepção corporal ao carregar consigo um significado pessoal. Esse contato com o Sensível impulsiona o sujeito a manifestar um movimento interno em resposta às suas experiências, fundamental para a construção de uma subjetividade corporificada em constante transformação. Nesse contexto, uma formação que aborde o corpo como experiência requer uma sensibilização para o aprendizado baseado na vivência, na sensibilidade e na percepção. Desse modo, a formação de professores se revela conectada a processos de ensino-aprendizagem que transcendem as fronteiras dos diferentes níveis de realidade, constituindo-se como uma abordagem transdisciplinar. Esse novo paradigma surge como contraponto à visão antropocêntrica, buscando resgatar o equilíbrio e a harmonia com nossa Terra-Pátria, frente aos desafios da atualidade.

Na abordagem transdisciplinar, as fronteiras estabelecidas pelas disciplinas e áreas de conhecimento são tensionadas, buscando integrar diferentes níveis de materialidade do objeto. Nicolescu (2019) amplia essa

[2] O *Centre d'Études et de Recherche Appliquée en Psychopédagogie Perceptive* (CERAP), da Universidade Fernando Pessoa (Porto, Portugal), adota a escrita de "Sensível" com "S" maiúsculo para destacar sua especificidade. Esse laboratório de pesquisa se concentra na psicopedagogia da mediação corporal das potencialidades humanas, representando uma abordagem original e inovadora nas ciências humanas.

concepção ao destacar três categorias fundamentais: nível de realidade, complexidade e lógica do terceiro incluído. Essa compreensão possibilita uma visão mais abrangente dos fenômenos relacionados à construção, difusão, criatividade e aprendizagem do conhecimento, ultrapassando as limitações impostas pelas disciplinarização.

No contexto educacional e na formação de professores, a transdisciplinaridade propõe que o conhecimento não se restringe apenas às áreas disciplinares, mas se abre para uma compreensão integradora que engloba saberes não acadêmicos, histórias de vida, tradições, experiências, imaginação, espiritualidade, intuição, emoções, mistérios e a própria vida. Ao pensar em concepções de programas ou cursos de formação sob a ótica transdisciplinar, é necessário um constante processo de construção, sempre atento às demandas dos contextos e dos sujeitos envolvidos, assim como aos processos contínuos de desconstrução e de reconstrução. Conforme Moraes (2019), destacamos alguns aspectos relevantes para elucidar a transdisciplinaridade no campo da formação, enfatizando sua materialização e aplicação prática:

- A transdisciplinaridade reconhece a natureza fluida e em constante transformação da realidade, entendendo que o conhecimento é sempre parcial e em transformação;
- Para compreender o desenvolvimento humano de forma integral, é fundamental considerar sua complexidade multidimensional e multirreferencial, que abrange aspectos cognitivos, emocionais, espirituais e sociais, influenciados pelo contexto sócio-histórico;
- O pensamento transdisciplinar na educação promove uma consciência ecológica, que busca integrar o conhecimento científico com a sabedoria humana, superando a visão fragmentada e desconectada da realidade;
- A abordagem complexa de Edgar Morin (2015) destaca a tríplice natureza do ser humano – biológica, psicológica e social – e a compreensão da aprendizagem como um processo integrado que envolve a interação entre corpo e mente;

- No ambiente educacional, é relevante considerar a influência das emoções e sentimentos na aprendizagem, reconhecendo que eles emergem de ações corporais e estão intrinsecamente ligados ao processo de construção do conhecimento.

Nesse contexto, conectamos a abordagem transdisciplinar com a educação somática, como discutido por Bois e Autry (2008) e Bolsanello (2005). Esses autores a consideram como um processo fundamentado na investigação experiencial, em que a percepção corporal desempenha um papel importante na forma como os indivíduos reagem às sensações e interpretam o mundo, adaptando-se às possibilidades e limitações de seus corpos. Embora comumente associada a práticas de saúde e terapias, a educação somática também tem aplicações nas esferas da arte, da educação e do crescimento pessoal, incentivando a capacidade de sentir e se transformar diante das experiências da vida.

A abordagem da educação somática concentra-se no processo individual de aprendizagem, valorizando a jornada realizada por cada pessoa em sua singularidade, em detrimento do resultado como meta principal. Dessa forma, a formação de professores é compreendida considerando as vivências imediatas dos sujeitos, à medida que despertam sua sensibilidade e reconhecem a particularidade de seus corpos. Essas vivências não apenas as influenciam, mas também as conectam a um sentido mais profundo de existência. Conforme destaca Bolsanello (2005), é através do corpo que nos entendemos, por meio de suas diversas movimentações destinadas a atender às necessidades vitais.

Por outro lado, Josso (2004) propõe uma abordagem que concebe a formação como uma experiência existencial, desafiando as convenções das ciências humanas e suas abordagens convencionais. A partir da perspectiva do aprendente, Josso (2010) articula os processos formativos em diversas áreas, incluindo psicologia, sociologia, economia, política, estética, cultura e espiritualidade. Ela diferencia a aprendizagem pela experiência, caracterizada por mudanças menores na estrutura do ser, da experiência existencial, que provoca transformações profundas no indivíduo. Josso

(2004, 2010) realiza uma análise antropológica, ontológica e axiológica da formação, embasada em sua metodologia de trabalho com histórias de vida.

Os estudos de Josso (2007) trazem à tona dimensões muitas vezes negligenciadas nos trajetos da vida e do conhecimento, destacando o corpo como o "suporte" das experiências humanas. O processo de formação é concebido como uma jornada em direção ao eu, expressando sua existencialidade no presente através de escolhas, representações e projeções, num processo dinâmico que molda a formação. O Ser-professor é compreendido como ser-pessoa que une subjetividade e individualidade, em harmonia com o corpo e com a experiência sensorial, entre a determinação interior e a ação. A existência histórica e social do ser humano é contextualizada numa rede de dimensões que moldam sua relação com o mundo. Segundo Morin (2002), biologicamente, os seres humanos estão ligados a seus antepassados, condicionados e determinados pela herança genética de sua espécie. A condição humana é intrinsecamente multifacetada, ancorada na "unidade aberta e incompleta dessa condição biológica, física, individual, terrena, ritualística, mitológica, social, errante e incerta, prosaica e poética" (Morin, 2002, p. 58), refletindo a complexidade e a riqueza da experiência humana.

Ateliê Filosófico como abordagem criativa no ensino de Filosofia

O Ateliê Filosófico surge como uma proposição para a construção e difusão do conhecimento filosófico na formação de professores e de públicos mais amplos. Iniciado em 2018 como projeto de extensão no Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), reunindo estudantes de diversas áreas, como Filosofia, Matemática, Pedagogia e Educação Física. O ateliê filosófico é um dispositivo de formação que estimula a aprendizagem filosófica fundamentada no educar transdisciplinar polilógico. Esse enfoque visa integrar corpo e mente no processo de aprendizado, reconhecendo a importância da experiência corporal na absorção e reflexão dos conceitos filosóficos.

De acordo com Macedo (2010), dispositivos de formação têm a capacidade de gerar processos de subjetivação ao oferecer experiências que envolvem os sujeitos em movimento. Nesse sentido, o ateliê funciona como uma mediação formativa, promovendo um dinamismo reflexivo e evitando imposições autoritárias. A flexibilidade, a metodologia aberta e a abordagem crítica das condições de formação permitem que a experiência seja refletida, reformulada e adaptada, posicionando o Ateliê Filosófico como um dispositivo que pode ser continuamente apropriado ou reapropriado pelos participantes.

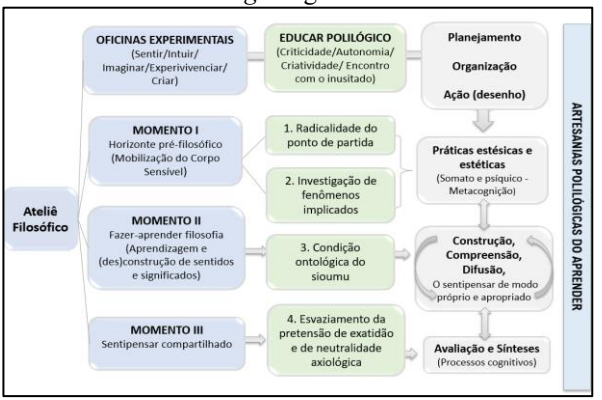
Destacando-se como um dispositivo de formação transdisciplinar, o Ateliê Filosófico tensiona novas possibilidades para o ensino e a aprendizagem da filosofia, com ênfase na reflexão crítica sobre a prática educativa e o *sentipensar* de cada educador, adotando um *design* cognitivo a partir de oficinas de filosofia interligadas com práticas meditativas.

O *design* cognitivo como modelagem cognitiva desempenha um papel fundamental na intervenção das dinâmicas de produção e de difusão do conhecimento em suas diversas dimensões. O *design* cognitivo envolve não apenas a materialização de ideias, mas também a criação, adaptação e atualização contínua de processos e metodologias. De acordo com Matta (2012), ele associa os princípios do *design* à aquisição de conhecimento e à capacidade de desenvolver formas inovadoras de aprendizagem, contribuindo, assim, para a resolução de problemas. Seu objetivo é aprimorar diversos processos mentais, como aprendizagem e tomada de decisão, por meio de uma abordagem organizada e planejada. No contexto do Ateliê Filosófico, esse *design* enfatiza a manutenção da dialogicidade dos processos, preservando a unidade sem comprometer a singularidade. Fundamentado no princípio da reconstrutividade, o *design* cognitivo reconhece a complexidade dos sistemas e busca reconstruir essa natureza complexa através de mudanças estruturais nos processos autoeco-organizadores (Matta, 2012; Souza, 2018; Demo, 2002).

No Ateliê Filosófico, o *design* cognitivo é composto por três momentos fundamentais, buscando auxiliar na imersão no processo de vivência meditativa e filosófica, promovendo espaço para metacognição percepto-intelectual e autoconhecimento: no primeiro, a mobilização do

corpo Sensível e a investigação de fenômenos implicados; em segundo, o fazer-aprender filosofia, abordando a condição ontológica do *sioumu*; e, no terceiro, o *sentipensar* compartilhado, promovendo o esvaziamento de exatidão e neutralidade axiológica. Esses momentos constituem uma prática compreensiva e dinâmica do fazer pedagógico no Ateliê. Embora o *design* cognitivo do ateliê se manifeste na prática, ele não deve ser encarado como um caminho fixo e determinante, mas, sim, como um campo em constante evolução, receptivo às mudanças e influenciado pelas contribuições dos estudantes na construção coletiva do conhecimento.

FIGURA 2 — *Design* cognitivo Ateliê Filosófico



Fonte: Marques (2023, p. 174).

No Ateliê Filosófico, a prática de meditação é incorporada como uma ferramenta para permitir que os estudantes acessem a percepção sensorial e relaxem a mente analítica. Geralmente, realizada na posição sentada para manter os estudantes em estado de percepção atenta, a meditação visa reduzir a atividade no neocórtex e desacelerar o pensamento excessivamente analítico. A prática utilizada foi desenvolvida pela organização do ateliê, inspirados no *yoga*[3], sendo adaptada para o contexto

[3] *Prāṇāyāma*, parte integrante do *Hatha Yoga*, combina posturas e respiração para promover equilíbrio e concentração. Originando-se do sânscrito, "ioga" busca a união e o conhecimento

universitário e abordando questões como autoestima, autoconhecimento e percepção do ser. Ela é aplicada de forma a atender às necessidades específicas dos participantes do ateliê.

São empregadas técnicas e exercícios de respiração inspirados no *yoga*. A respiração inicial desempenha um papel fundamental, preparando os estudantes para a meditação guiada ao estimulá-los e relaxá-los. Esse processo auxilia os estudantes a perceberem o nível e a intensidade de sua própria respiração, cultivando um estado de atenção plena ao momento presente. É essencial que a respiração seja sentida como uma totalidade, abrangendo todo o movimento interno fisiológico que provoca sensações no abdômen, peito, garganta e nariz. Também é recomendável que a inspiração e a expiração tenham a mesma duração, como contar mentalmente até três ao inspirar e, novamente, até três ao expirar, totalizando três ciclos de respiração profunda. Embora não seja uma regra estrita, essa prática ajuda a iniciar a meditação. Dessa forma, os estudantes são convidados a perceberem os diferentes estados internos, seja emocional, mental ou somático, presentes em todo o corpo quando direcionam sua atenção para sua interioridade.

A mobilização do *corpo Sensível* na perspectiva da Educação Somática amplia o olhar para a relação entre o corpo e o desenvolvimento da percepção dos estudantes, integrando-se ao progresso da aprendizagem filosófica como uma postura de aprendizado radical. Por exemplo, na prática de técnicas corporais de relaxamento e meditação, os estudantes são encorajados a encontrar sua própria maneira de executar os movimentos, adaptando-os ao seu estado interno e buscando uma experiência confortável e autêntica.

As oficinas são organizadas com intuito de proporcionar uma experiência de aprendizado dinâmica e interativa entre os participantes, cada um contribuindo com sua diversidade ontológica. O conceito de tempo é tomado à reflexão e à prática com base na dualidade entre *chronos* e *kairós*. *Chronos*, na mitologia grega, representa o tempo objetivo, linear e sequencial, enquanto *kairós* simboliza o momento oportuno, não-linear e imensurável. No contexto do ateliê, há uma coexistência entre a rigidez dos

verdadeiro, enquanto "*prāṇāyāma*" enfoca a respiração como elemento vital para harmonizar o corpo e a mente.

prazos externos, relacionados ao planejamento e ao cronograma das oficinas, e a fluidez do tempo interno, marcado pela oportunidade e pela espontaneidade no desenvolvimento das atividades.

Ao abordar questões pedagógicas, torna-se fundamental incorporar as teorias e concepções que embasam e direcionam as práticas dos futuros professores. Contudo, é importante que o plano inicial não se limite apenas a uma experiência centrada nos conteúdos filosóficos já existentes. Conforme destacado por Galeffi (2019, p. 172), é necessário refletir sobre nossos próprios pensamentos e sobre a maneira como concebemos o mundo, considerando o contexto comum dos pensamentos em interação com a realidade circundante. Desse modo, as oficinas são elaboradas a partir de um planejamento cuidadoso e da organização temática, visando proporcionar imersões significativas no processo de aprendizado da filosofia na formação de professores. Essas temáticas são agrupadas em quatro eixos imersivos distintos.

Eixo I: s*entipensar* os fundamentos – esse eixo aborda os conceitos básicos e a dinâmica geral do projeto, com o objetivo de estabelecer uma compreensão sólida dos marcos referenciais; eixo II: *sentipensar* a arte de aprender – os estudantes têm a oportunidade de explorar os condicionamentos que podem impedir o aprendizado de si mesmos, promovendo reflexões sobre suas próprias práticas educacionais; eixo III: *sentipensar* a arte de viver – focado nos processos de autoaprendizagem em diálogo com princípios filosóficos, esse eixo destaca a importância do *corpo Sensível* do sujeito em formação como elemento central na experiência educativa; eixo IV: *sentipensar* compartilhado – nesse eixo, os estudantes são convidados a compartilhar suas experiências individuais de aprendizado e crescimento, promovendo um ambiente de autoavaliação e de colaboração mútua. Embora esse processo esteja integrado à dinâmica geral do Ateliê Filosófico, é reservado um encontro específico para a reflexão e a problematização orientada em relação à prática pedagógica.

As temáticas trabalhadas no Ateliê Filosófico são influenciadas por diversas origens culturais e políticas, refletindo, assim, uma variedade de perspectivas. É importante notar que esses saberes não são neutros, sendo moldados por seus contextos de origem e podendo exercer influência sobre

as racionalidades que os envolvem. Os saberes são ressignificados em relação aos contextos, sem negar a validade das perspectivas alheias. Cada eixo temático propicia um espaço dialógico contra-hegemônico, no qual os estudantes são incentivados a compartilhar suas subjetividades e conhecimentos, sem hierarquização.

No desenvolvimento do Ateliê Filosófico, o papel do professor-mediador é significativo, e determinadas habilidades são identificadas como essenciais para facilitar a mediação e o aprendizado. Isso inclui estabelecer um ambiente de confiança com os estudantes, lidar com situações imprevistas com flexibilidade, atribuir significados aos fenômenos observados, praticar uma escuta atenta, questionar os contextos estabelecidos e desenvolver ferramentas para compreender informações. No campo da Filosofia, é importante reconhecer a diversidade de perspectivas e abordagens. A definição da filosofia, embora delimite seu escopo, deve levar em consideração que ela é um processo de aprendizado radical, que reflete o projeto ontológico individual. Ao adotar uma posição filosófica, como o *educar transdisciplinar polilógico*, é necessário manter uma postura consciente e compartilhada, evitando a doutrinação e reconhecendo a multiplicidade de estilos filosóficos que surgem em diferentes contextos de vida.

Considerações finais

Em síntese, a filosofia emerge como elemento fundamental na formação de educadores, fornecendo-lhes uma consciência reflexiva e crítica diante dos desafios da prática educacional. Enquanto Saviani destaca a consciência filosófica como movimento que leva à reflexão radical, rigorosa e de conjunto sobre o campo da Educação, Gallo propõe uma visão estética da educação, destacando a importância do pensamento autônomo e contextualizado na formação dos educadores. A abordagem transdisciplinar proposta por pensadores como Galeffi amplia essa perspectiva, destacando a importância do pensamento próprio e apropriado. O aprendizado do pensar próprio e apropriado é uma experiência subjetiva e intransferível, que deve

ser cultivada a partir das condições existenciais individuais de cada aprendiz. Dessa forma, a filosofia, na formação de educadores, não apenas amplia a compreensão de sua prática profissional, mas também contribui para uma educação mais reflexiva e capaz de atender às demandas contemporâneas da sociedade.

As reflexões de Saviani, Gallo e Galeffi implicam a necessidade de repensar a formação transdisciplinar do educador. Torna-se fundamental pensar a formação transdisciplinar que reconheça a complexidade e a diversidade do processo formativo humano. A perspectiva transdisciplinar valoriza a integração de diferentes níveis de materialidade do objeto e promove uma nova epistemologia do sujeito. Abre-se para uma compreensão integradora que engloba saberes não acadêmicos e diversas dimensões da vida. Esta abordagem não se limita ao desenvolvimento de habilidades técnicas, pelo contrário, abraça a complexidade da condição humana. Estimula a sensibilidade, a criatividade e a cooperação, elementos fundamentais para a formação transdisciplinar e filosófica do indivíduo.

Por fim, o dispositivo de formação Ateliê Filosófico revela-se como uma prática que expressa uma possibilidade ético-formativa no ensino de Filosofia, proporcionando um ambiente de aprendizado que valoriza a integração entre corpo, mente e formação de professores. Ao elaborar um *design* cognitivo que inclui práticas meditativas ancoradas na abordagem transdisciplinar, o ateliê caminha em direção ao desenvolvimento de habilidades cognitivas, mantendo-se sempre um ambiente dialógico e receptivo ao conhecimento do conhecimento e ao conhecimento do desconhecimento. Reunindo estudantes de diferentes licenciaturas, o ateliê fomenta a colaboração na construção e na difusão de ideias e reflexões sobre o ser-sendo educador em direção a uma atitude aprendente radical. Em suma, muitas são as possibilidades da filosofia na formação de educadores no tempo presente. Nosso caminho, embora ainda em processo, já se apresenta promissor em seu nascedouro.

Referências

ARROYO, Miguel G. O humano é viável? É educável? *Revista Pedagógica*, Chapecó, v. 17, n. 35, p. 21-40, 2015. DOI: https://doi.org/10.22196/rp.v17i35.3052.

BOIS, Danis. Da Fasciaterapia à Somato-psicopedagogia: análise biográfica do processo de surgimento de novas disciplinas. *In*: BOIS, Danis; JOSSO Marie-Christine; HUMPICH, Marc (Orgs.). *Sujeito Sensível e Renovação do Eu*: as contribuições da Fasciaterapia e da Somatopsicopedagogia. Trad. Adail Sobral, Maria Stela Gonçalves e Maria do Carmo Monteiro. São Paulo: Paulus, Centro Universitário São Camilo, 2008a. p. 43-74.

BOIS, Danis; AUSTRY, Didier. A emergência do paradigma do Sensível. Trad. Maria do Carmo Pagano. *Revista @mbienteeducação*, [*s. l.*], v. 1, n. 1, p. 23-37, 2008.

BOLSANELLO, Débora. Educação somática: o corpo enquanto experiência. *Motriz*, Rio Claro, v. 11 n. 2, p. 99-106, 2005.

DEMO, Pedro. *Complexidade e aprendizagem*: Dinâmica não linear do conhecimento. São Paulo: Atlas, 2002.

GALEFFI, Dante Augusto. *Filosofar & educar*: quando filosofar é educar. Curitiba: CRV, 2019.

GALEFFI, Dante Augusto. O diálogo na formação transdisciplinar do educador-filósofo. *Childhood & philosophy*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 105-114, 2008.

GALEFFI, Dante Augusto. *Recriação do Educar*: Epistemologia do Educar Transdisciplinar. Londres: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

GALLO, Sílvio. A filosofia e a formação do educador: desafios para as licenciaturas. *In*: BANNEL, Ralph *et al*. (Orgs.). *Filosofia da Educação*: entre a formação de educadores e a qualificação profissional. São Paulo: Cortez Editora, 2017. p. 162-175. DOI: https://doi.org/10.20396/rfe.v9i2.8649927.

JOSSO, Marie-Christine. A Imaginação e suas formas em ação nos relatos de vida e no trabalho autobiográfico: a perspectiva biográfica como suporte de conscientização das ficções verossímeis com valor heurístico que agem em nossas vidas. *In*: PERES, Lúcia Maria Vaz; EGGERT, Edia; KUREK, Deonir Luís (Orgs.). *Essas coisas do imaginário. Diferentes abordagens sobre narrativas (auto) formadoras*. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Líber Livro, 2009.

JOSSO, Marie-Christine. *Caminhar para Si*. Trad. Albino Pozzer. Rev. Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiência de vida e formação*. Trad. José Claúdio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

LAVAL, Christian. *A escola não é uma empresa*: neoliberalismo em ataque ao ensino público. São Paulo: Boitempo, 2019.

MACEDO, Roberto Sidnei. As duas faces de Janus: sobre uma pedagogia (im)provável para espíritos improgramáveis. *In*: MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; BARBOSA, Joaquim (Orgs.). *Criação e devir em formação*: mais-vida na educação. Salvador: EDUFBA, 2014.

MACEDO, Roberto Sidnei. *Compreender/Mediar a formação*: o fundante da educação. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

MARQUES, Alexsandro da Silva. *Tornando-se sujeitos da aprendizagem filosófica*: experimentações, modelagens e análise cognitiva de um ateliê filosófico na formação de professores/as. 2023. 283 f. (Doutorado em Difusão do Conhecimento) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

MARTINS, Marcos Francisco; REZENDE, André Canevalle. A consciência filosófica na pedagogia histórico-crítica: entrevista com Dermeval Saviani. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, v. 20, p. 1-24, 2020. DOI: https://doi.org/10.20396/rho.v20i0.8659525.

MATTA, Alfredo Eurico Rodrigues. Desenvolvimento de metodologia de *design* socioconstrutivista para a produção do conhecimento. *In*: GURGEL, Paulo; SANTOS, Wilson (Orgs.). *Saberes plurais, difusão do conhecimento e práxis pedagógica*. Salvador: EDUFBA, 2012.

MORAES, Maria Cândida. Da epistemologia da complexidade à docência transdisciplinar. *In*: DRAVET, Florence *et al*. (Orgs.). *Transdisciplinaridade e educação do futuro*. Brasília: Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade; Universidade Católica de Brasília, 2019. p. 135-163.

MORAES, Maria Cândida; NAVAS, Juan Miguel Batalloso (Orgs.). *Transdisciplinaridade, criatividade e educação*: fundamentos ontológicos e epistemológicos. Campinas: Papirus, 2015.

MORAES, Maria Cândida; TORRE, Saturnino. *Sentipensar*: fundamentos e estratégias para reencantar a educação. 2. ed. Rio de Janeiro: Wark Editora, 2018.

MORIN, Edgar. *Ensinar a viver*: manifesto para mudar a educação. Trad. Edgar de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários a educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002.

NICOLESCU, Basarab. Transdisciplinaridade: uma esperança para a humanidade. *In*: DRAVET, Florence *et al*. (Orgs.). *Transdisciplinaridade e educação do futuro*. Brasília: UNESCO, 2019. p. 13-18.

SAVIANI, Dermeval. *Educação*: do senso comum à consciência filosófica. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 1996.

SOUZA, Ivana Carolina Alves da Silva. *Design cognitivo colaborativo para ambientes virtuais*: o caso do Portal TBC Cabula. 2018. 265 f. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) – Programa de Doutorado Multidisciplinar Multi-Institucional da Universidade Federal da Bahias, Salvador, 2018.

TORRE, Saturnino. *Sentipensar*: fundamentos e estratégias para reencantar a educação. 2. ed. Rio de Janeiro: Wark Editora, 2018.

Data de registro: 08/03/2024

Data de aceite: 28/08/2024